

1918, A GRIPE ESPANHOLA E A VENEZA BRASILEIRA

CARLOS EDUARDO ROMEIRO PINHO

O Ano de 1918 passaria para a história mundial, sobretudo por dois grandes acontecimentos. O primeiro foi o fim da 1ª Grande Guerra Mundial e o segundo não menos importante, ou melhor, dizendo trágico foi a epidemia de Gripe que assolou o mundo.

Pernambuco, como todo o nordeste brasileiro não se furtaria as conseqüências dessa epidemia mundial.

A primeira referência histórica de Gripe no Recife aparece no ano de 1890. Quatro anos depois, em 1894, outro surto aparece na capital. É dado em tão o nome geral a todas as gripes de caráter epidemiológico, de *Influenza*. Este surto rapidamente se alastrou pela cidade, contudo foi considerado de forma benigna, por haver ocorrido apenas 43 óbitos, Segundo o higienista Otávio de Freitas, em 1925.¹²

Em 1900 aparece novamente, desta vez acarretando, 145 óbitos. Em 1905 106 pessoas morrem da doença. No ano seguinte são 113 os mortos.³

A partir de então se tornou endêmica. Gripe permanente. Gripe após os carnavais. Gripe nos meses de chuva. Gripe no tempo de calor intenso. Gripe após as enchentes.⁴

De 1908 a 1917, a gripe matou 2.435 pessoas isto só na capital.⁵

Com o fim da primeira Guerra Mundial, em agosto de 1918, espalha-se pelo mundo, principalmente em setembro, a “Pandemia Gripal”, que passou para os anais da história com o nome de **INFLUENZA ESPANHOLA**. Em outubro, a “Espanhola” surge no Recife. Assume, de logo, feição de epidemia grave. Cerca de 120.000 pessoas adoeceram, em uma população estimada em 200.000.⁶

Embora o período mais grave da doença tenha ocorrido no mês de outubro, na capital do país já se tinha desde setembro, conhecimento da terrível enfermidade, como noticia o jornal “**A PROVÍNCIA**” na terça-feira, 17 de setembro de 1918, em tom irônico:

*“Não se assustem as esposas. Não se trata de uma invasão de Hespánholas, o que aliás seria preferível, mas da “moléstia hespanhola”..”*⁷

Como mencionado, foi mais forte em outubro, quando se notaram 1893 óbitos. Tal cifra equivalia a 70% da mortalidade geral no Recife, naquele mês.⁸

Durante o quinquênio 1913-1917, a cifra média anual de mortos por gripe havia sido de 639. Só em 31 dias daquele ano (1918), sucumbiram, de gripe 1983 pessoas. Estava confirmada a epidemia. O ponto alto da epidemia se deu entre os dias 12 e 22 de outubro, quando se deram 1.203 falecimentos devidos a doença em questão.⁹

A moléstia foi trazida ao estado de Pernambuco, através do vapor **“Piauhy”**, que chegou a capital no dia 25 de setembro de 1918. A Saúde do Porto do Recife constatou alguns casos de uma moléstia desconhecida em diversos tripulantes do navio. Essa doença apresentava os seguintes sintomas: Febre de 40 graus; prostração completa; falta absoluta de vontade de comer; abundância de catarro pelo nariz; vômitos; cor cadavérica e dor profunda, desde o pescoço até os quadris.¹⁰

A chegada da epidemia foi assim relatada: *“Tocou no porto de Dakar, o ‘**Corcovado**’, procedente de Gênova e com destino a Macao, conduzindo um grande carregamento de sal para o Rio. Logo ao sair daquele porto sentiram-se doentes trinta e cinco tripulantes do ‘**Corcovado**’.”*¹¹

No entanto não se deu nenhum caso fatal até o porto de Macao, no Rio Grande do Norte. Estando também atracado o **“Piauhy”**, da mesma Companhia, o Comandante do **“Corcovado”** resolveu transportar para aquele paquete quatro dos doentes que ofereciam maior gravidade. Chegado o **“Piauhy”**, a Saúde do Porto constatou que todos estavam atacados de uma moléstia desconhecida.¹²

Sendo grave o estado de dois dos doentes, os Drs. Fernando de Barros e Cornélio da Fonseca, este médico da semana e aquele diretor da repartição, providenciaram no sentido de transportá-los para terra, o que fizeram numa lancha da Saúde.¹³

Da terra foram os dois enfermos conduzidos no carro da Assistência policial para o hospital de Santa Águeda, hoje Oswaldo Cruz, onde se acham em tratamento..¹⁴

A respeito desses casos, a Diretoria de Higiene fez questão de dizer que não se tratava de febres de caráter desconhecido e sim de gripe intestinal, conforme atestou o Dr. Fragoso Silva, médico da dita repartição. Ainda adiantaram que tal enfermidade não era Influenza Espanhola que tantas vidas levou no Velho Continente, alegando que esta doença matava em poucos dias o enfermo e os tais doentes já estavam acamados a mais de quinze dias.¹⁵

Foi editado pela Inspetoria de Saúde Naval, sediada na capital federal, uma nota dirigida ao inspetor da Saúde do Porto do Recife, na qual versava medidas profiláticas a serem adotadas nos navios da divisão naval. Segundo tais medidas, deveria-se fazer uso de água fervida ou destilada e arejada e, na sua impossibilidade de água cloruetada. Recomendava-se a destruição completa dos insetos e, finalmente, a substituição de bebidas geladas pela água com limão, não açucarada, além da mudança freqüente de roupas expurgadas, e de alimentos só os que forem cozidos, quer frutas e vegetais ou animais.¹⁶

O mais curioso é uma notícia publicada em que um dos mais ilustres médicos da Armada falando ao “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro, disse estar inclinado a acreditar que a “INFLUENZA HESPANHOLA”, ataca de preferência aqueles que não fumam, pois dos mortos da divisão naval, lembrava-se de alguns que não eram dados ao vício de fumar.¹⁷

Além dessas medidas profiláticas ficou determinado que todos os navios, mesmo os que tivessem inspetor sanitário marítimo, de procedência européia, africana e asiática, embora já houvessem tocado em outro porto brasileiro, deveriam ser atentamente visitados; todos os passageiros, principalmente os de terceira classe, examinados individualmente, para seleção dos doentes e suspeitos, de qualquer afecção, principalmente dos aparelhos respiratórios e gastro-intestinais.¹⁸

Algumas receitas preventivas passaram a circular nos principais jornais. O preservativo, como era conhecido, consistia geralmente em sene, para desembaraçar o

ventre (empregado ainda quando a moléstia manifestada), e o “*cognac*’ ou *Whisky*” com limão.¹⁹

A conseqüência desta mistura foi que as farmácias não deram vencimento às infusões de *sene*, a todo momento solicitadas; o *Whisky*, e *Cognac*, nos armazéns, e nos Cafés subiram de preços, e o limão atingiu um preço extraordinário. Os mais desfavorecidos de fortuna, que não podiam acompanhar os preços do *Whisky* e do *Cognac*, entravam pela popular *Cara Preta* com limão. E assim a população acreditava estar imune a tão fatídica doença.²⁰

O que a ciência na época aconselhava, para evitar o mal era o afastamento de grupos, combater a prisão de ventre e manter os intestinos em boas condições e maior preocupação com a antisepsia bucal e nasal.²¹

A cidade pouco a pouco ia parando, um exemplo era a situação da “Tramway”, responsável pelo transporte urbano. Na empresa, cerca de 70 funcionários estavam atacados da influenza, os empregados que ainda não haviam sido acometidos da enfermidade, dobravam seus serviços por falta de quem os substituíssem. Os empregados que adoeciam, eram tratados com a ajuda pecuniária, da “Caixa de Socorros”.²²

Na Great-Western”, a situação não era diferente, na secção de passagens estavam acometidos da doença 8 funcionários, no serviço de cargas, 10 homens estavam doentes, sem levar em conta o pessoal do tráfego de trens que eram substituído constantemente. Segundo o chefe de passagens e de expediente, João Leite, houve uma diminuição bastante considerável na utilização dos transportes de mercadorias pelo comércio, segundo suas palavras, havia todos os dias mercadorias suficientes para encher 4 “Wagons” diariamente e depois que a epidemia assolou, ele sente dificuldade para encher um.²³

Críticas a atitude da Hygiene passaram a ser constantes, principalmente por esta insistir em não admitir a epidemia na cidade.

Aumentava dia a dia a intensidade da epidemia, um terço da população já havia contraído a doença. O aspecto da cidade mudou, poucos se aventuravam sair às ruas e

principalmente freqüentar as casas de diversões, as que insistiam em permanecer abertas, pois a maioria de seus funcionários estava doente.²⁴

O Dr. Moraes Rego, prefeito da cidade, de forma paliativa, determinou aos fiscais que permitissem às farmácias conservarem-se abertas, pelo tempo que entendesse necessário, durante a epidemia.²⁵

Nas estações do Brum, Central e das Cinco Pontas, houve uma considerável diminuição do número de passageiros provenientes de Rio Branco, Paraíba e Alagoas, e as pessoas destes estados que teimavam vir a capital de Pernambuco, acabavam por adoecer.²⁶

Nas escolas Públicas e Particulares, a freqüência diminui em até 70%. Os chefes de família proibiam seus filhos de irem às escolas, pois sabiam o grave risco de contágio em lugares com aglomerações.²⁷

A diretoria de higiene no dia 9 de outubro informou que as pessoas que precisassem de socorros médicos, por motivo de “Influenza”, bastaria que deixassem seus nomes e residência na Secretaria da Diretoria de Higiene, que funcionava até às 20 horas, para que pudessem receber em casa visitas médicas, sendo-lhes aconselhados e distribuídos os necessários medicamentos.²⁸

O prefeito do município mandou suspender no dia 10 de outubro, até segunda ordem, os trabalhos letivos das escolas do Recife.²⁹

A Diretoria de Higiene pôs a disposição dos mais pobres, um duplo serviço de socorro contra a Influenza, serviço que funcionava em sua sede situada na rua Conde da Boa Vista, onde os doentes seriam receitados, adquirindo os medicamentos necessários, o que também era sendo feito a domicílio, indo os médicos à casa das pessoas enfermas onde receitavam e ao mesmo tempo lhes ofereciam os medicamentos.

No cemitério de Santo Amaro, no dia 12 de outubro, era grande a multidão que aguardava a chegada dos cortejos fúnebres. Os empregados não descansavam, pois de instante em instante tinham que providenciar no sentido de serem sepultados os cadáveres

que ali chegavam. Segundo informações obtidas pelo Jornal A Província, o número de mortos do referido dia chegou a 103.³⁰

Os médicos da Diretoria de Higiene foram removidos das funções que lhes eram normalmente cometidas, designando-os todos para darem plantão na sede da Higiene, e para o serviço externo de socorro, que estava sendo organizado.³¹

O governador Manuel Borba tentando salvar a imagem do seu governo em um período tão calamitoso telegrafou ao Rio de Janeiro, dizendo não haver a doença em Pernambuco. O telégrafo também por ordem do governador não admitia que se passassem telegramas noticiando a epidemia. Por isso o Rio Oficialmente ignorava a enfermidade que estava matando a população da capital pernambucana.³²

A situação da epidemia chega a um ponto crucial com a morte no dia 13 de outubro do Dr. Abelardo Baltar, diretor da Higiene, com apenas 34 anos. Assumindo a direção da referida repartição, o Dr. Otávio de Freitas, cujas medidas recebeu o mérito de ter debelado a epidemia.³³

A cidade tomou o cheiro de criolina. Todos levavam uma balinha de Cônfora no bolso, para evitar a contaminação. Os jornais publicavam notas da Diretoria de higiene ensinando como tratar da influenza: Eurythimine Dethan, Injeções de Gayorsine, Xaropes para a tosse, fórmulas reconstituintes, boa alimentação. Não eram esquecidos os sudores (diaforéticos), nem comprimidos de quinino, nem a aspirina e o pironidon.³⁴

Na sede da Diretoria de Higiene, à rua Conde da Boa Vista, qualquer pessoa podia verificar, pelos atestados de óbitos dos cemitérios, o número de pessoas diariamente falecidas de gripe, este relatório passou a se publicado diariamente.³⁵

O Dr. Diretor de Higiene resolveu tornar obrigatório, a notificação, à diretoria de Higiene, dos casos de Influenza e dos óbitos ocorridos por efeito da epidemia para que se pudesse conhecer a marcha da moléstia, e fazer as necessárias desinfecções sempre que possível.³⁶

Também ordenou a proibição do acompanhamento de pessoas aos enterros. Aviamento imediato por parte de todas as farmácias da capital, das receitas formuladas

pelos médicos da Hygiene em serviço de salvação pública. Ainda pregava a rigorosa higiene e o uso cotidiano de 25 a 50 centigramas de quinino.³⁷

Havia na política de saúde uma preocupação de aliar a saúde do povo com a melhoria da alimentação. Um fato que demonstra esta preocupação se deu quanto à política dos preços e a qualidade do leite. Este era base da alimentação da população mais carente, que era de péssima qualidade, sendo misturado na água e povilho. Seu preço no período mais grave da epidemia chegou a custar, 1!500 a 2!000 reis. O Dr. da higiene solicita então ao prefeito do Recife que o preço do leite seja fixado no máximo em 600 reis, o que na prática não foi respeitado.³⁸

Já pelo dia 20, o movimento nas ruas da cidade parecia demonstrar que se a epidemia ainda assolava a população, pelo menos ela estava agora controlada. Segundo o jornal a Província foram enterrados no dia 19 no cemitério de Santo Amaro, 80 pessoas vítimas da espanhola'. Estes números não são aceitos pela Diretoria de higiene, que diz haver ocorrido no referido dia apenas 46 óbitos.³⁹

É publicado n" A PROVÍNCIA do dia 22 de outubro uma nota pela qual se refere a posição do governador sobre a influenza: *"Manuel Borba, ataca os jornais de estarem lucrando com a epidemia, e ainda diz que o que está acontecendo na capital Recife é a Cholera-morbus, o estranho é que apenas o governador que defende esta idéia".*⁴⁰

A respeito dos números fornecidos pela Diretoria de Higiene A PROVÍNCIA, discorda do modo como as notificações obituárias são apresentadas. A repartição de saúde passou a inserir em suas notificações o nome de "THANATOMORBIA" para as doenças não identificadas. Então em nota do dia 26 de outubro declara que: *"...que essa 'thamatomorbia' não passa de uma mistificação para fazer crer ao público, que a 'Influenza', não está ceifando as vidas que nós dizemos."*⁴¹

No dia 9 de novembro alegando falta de doentes, a Diretoria de Higiene, resolveu suspender os medicamentos, bem como muitos postos médicos do interior e da capital. A PROVÍNCIA informou que o número de pessoas sepultadas no mesmo dia no cemitério de Santo Amaro, atingiu o numero de 18 , o que para este jornal, é a média diária da capital,

dando ao seu entender que a Pandemia Gripal que tantas almas levou nesta cidade, finalmente terminara.⁴²

Sendo a Gripe uma doença cosmopolita, universal. A pandemia como focaria conhecida a Jipe Espanhola de 1918, tornar-se-í-a uma epidemia histórica. Causando em todo o mundo, um total de vinte milhões de vítimas.⁴³

¹ PARAHYM, Orlando/Traços do Recife Ontem e Hoje/p200

²²

³ IDEM

⁴ IDEM

⁵ IDEM

⁶ IDEM

⁷ JORNAL “A PROVÍNCIA”; Terça-feira, 17 de setembro de 1918

⁸ PARAHYM, Orlando/p200

⁹ IDEM/p201

¹⁰ A PROVÍNCIA/Recife, quinta-feira, 26 de setembro de 1918

¹¹ IDEM

¹² IDEM

¹³ IDEM

¹⁴ IDEM

¹⁵ IDEM

¹⁶ JORNAL PEQUENO/Recife, quarta-feira, 2 de outubro de 1918

¹⁷ IDEM

¹⁸ IDEM

¹⁹ JORNAL PEQUENO, Recife, sexta-feira, 4 de outubro de 1918

²⁰ IDEM

²¹ IDEM

²² A PROVÍNCIA/Domingo, 6 de outubro de 1918

²³ IDEM

²⁴ IDEM

²⁵ IDEM

²⁶ A PROVÍNCIA/Quinta-feira, 9 de outubro de 1918

²⁷ IDEM

²⁸ IDEM

²⁹ A PROVÍNCIA/Quinta-feira, 10 de outubro de 1918

³⁰ IDEM. O número de mortos obtidos pela “A Província”, é feito de forma um tanto observativa, pois o dito jornal, subtrai do número total de mortos a quantia de 18 que corresponde a média do número de mortos antes da epidemia assolar a cidade.

³¹ IDEM

³² A PROVÍNCIA/Domingo, 13 de outubro de 1918

³³ A PROVÍNCIA/Segunda-feira, 14 de outubro

³⁴ PARAHYM. Orlando/Traços do Recife p201

³⁵ A PROVÍNCIA/Terça, 15 de outubro de 1918

³⁶ IDEM

³⁷ IDEM

³⁸ A PROVÍNCIA/Sexta-feira, 18 de outubro de 1918

³⁹ A PROVÍNCIA/ Domingo, 20 de outubro; O JORNAL PEQUENO/23 de outubro.

⁴⁰ A PROVÍNCIA/ Quarta-feira, 23 de outubro de 1918

⁴¹ A PROVÍNCIA/ Sábado, 26 de outubro de 1918.

⁴² IDEM/Domingo 10 de novembro.

⁴³ PARAHYM, Orlando/ Traços do Recife: Ontem e Hoje/p 201